

# Mestiçagem, degenerescência e crime<sup>1</sup>

## *Race crossing, degeneration, and crime*

Dr. Nina Rodrigues

Professor de Medicina Legal da Faculdade da Bahia<sup>2</sup>

### I

**Mestiçagem.** A mestiçagem humana é um problema biológico dos mais apaixonantes intelectualmente e que tem o dom especial de suscitar sempre as discussões mais ardentes.

A questão da unidade ou da multiplicidade da espécie humana, do monogenismo e do poligenismo, que parece pertencer ao domínio das ciências naturais e apresentar um interesse puro e exclusivamente antropológico, provoca as mais ardentes disputas. No calor do debate, reconhecemos freqüentemente que nesta questão está contida outra, transcendente, filosófica, e até teológica: a da origem natural ou sobrenatural do homem, do transformismo ou da criação divina.

Ao aceitar como critério fundamental da espécie a fecundidade indefinida dos cruzamentos, era natural que os poligenistas apoiassem o hibridismo dos cruzamentos humanos, contra os monogenistas, que se esforçam por demonstrar a viabilidade perfeita de todos os mestiços.

Assim, o critério de viabilidade e de capacidade dos mestiços foi posto no terreno das ciências naturais. Tanto como para os animais, esse critério deveria ser a perfeita eugenesia dos mestiços humanos, que uns apoiavam e outros negavam.

Colocados nesse campo, foi fácil aos monogenistas declarar os que os contraditavam como vencidos, demonstrando, com numerosos fatos em seu apoio, a eugenesia exuberante de produtos do cruzamento, ainda que provenientes das raças consideradas pelos poligenistas espécies distintas, tais como as raças branca, negra e vermelha.

O debate entre o monogenismo e o poligenismo estava, entretanto, destinado a perder afinal quase todo seu interesse filosófico, já que, admitindo com os transformistas que a origem do homem se deu entre os primatas, e não entre os símios ou pró-símios, é admissível que ela se localize tanto em um só tronco quanto em troncos diversos, de tal modo que atualmente há tanto transformistas que aceitam a hipótese polifilética (Haeckel, Popinard etc.) quanto os que aceitam a hipótese monofilética (Keane etc.).

---

<sup>1</sup> Tradução de Mariza Corrêa do artigo "Métissage, dégénérescence et crime", publicado nos *Archives d'Anthropologie Criminelle*, v.14, n.83, 1899. O exemplar usado para esta tradução, cópia do existente na Faculdade de Medicina da Bahia, trazia uma dedicatória em francês, manuscrita, para Alfredo Britto, na qual só é legível a palavra *amitié*, assinada por Nina Rodrigues e com a data de 10 de janeiro de 1900. Abaixo, a informação sobre a editora: Lyon, A. Storck & Cie, Imprimeurs-Éditeurs; e a data.

<sup>2</sup> Nota de tradução: conforme o frontispício do artigo.

Esta é, precisamente, a posição que a mestiçagem da América Latina tem ocupado na discussão.

As grandes proporções que o cruzamento de raças que deviam ser consideradas espécies distintas tem tomado nesses países deveriam forçosamente atrair a atenção dos debatedores, e o Brasil, assim como as repúblicas sul-americanas, tem-se tornado o exemplo obrigatório, lembrado por todos nesse debate.

No trabalho que publicou em 1855, Gobineau<sup>6</sup> já fazia um quadro bem negro da decadência dos mestiços sul-americanos. Mas em 1861, Quatrefages<sup>7</sup> invocava, precisamente contra ele, o exemplo da América do Sul a favor do sucesso completo da mestiçagem e punha em relevo a intrepidez e a energia da empresa dos paulistas<sup>8</sup> brasileiros. Mais tarde, em 1863, é Agassiz<sup>9</sup> que por sua vez vê a mestiçagem como a causa fundamental da decadência miserável dos mestiços do vale amazônico. Sem ir mais longe, recentemente vemos Gustave Le Bon<sup>10</sup> considerar as repúblicas sul-americanas a prova incontestável da influência social desastrosa dos mestiços, ao passo que Keane<sup>11</sup> os apresenta como a prova não menos conclusiva das vantagens da mestiçagem.

## II

Em tais condições, a utilidade de procurar resolver o problema através da observação direta e imediata é indiscutível.

A observação, tal como feita até hoje, voltando-se para todo um povo ou para casos muito limitados e muito específicos, não pode trazer senão provas muito discutíveis e não pode iluminar a questão com as luzes soberanas da verdade. Num país inteiro e sem o recurso a estatísticas no caso dos povos que se prestam a essa discussão, é quase impossível distinguir a influência da mestiçagem entre as mil outras causas complexas, suscetíveis de produzir sua decadência. Em alguns casos muito especiais é sempre justo suspeitar de uma exceção ou de uma influência degenerativa local, responsável pela ação imputável ao cruzamento.

Para evitar esses escolhos, procurei, em minhas observações, preencher duas condições fundamentais: estudar pequenas localidades, nas quais é mais fácil distinguir as diferentes causas degenerativas, dado que a população local não se distingue em nada do tipo médio geral da província ou estado; e completar o estudo da capacidade social da população através do exame de sua capacidade biológica escalonada sobre sua história médica.

---

<sup>6</sup> Gobineau, *Essai sur l'inégalité des races humaines*, Paris, 1855.

<sup>7</sup> Quatrefages, *L'unité de l'espèce humaine*, Paris, 1861.

<sup>8</sup> Habitantes do estado ou província de São Paulo.

<sup>9</sup> Agassiz, *Voyage au Brésil*, trad., 1869.

<sup>10</sup> Gustave Le Bon, loc. cit.

<sup>11</sup> Keane, loc. cit.

Se existe uma localidade na qual os mestiços brasileiros constituem uma população capaz de oferecer esperanças de futuro, é certamente Serrinha. Não se deveria acreditar, no entanto, a partir da reputação da qual goza, que ela é uma exceção à regra.

Em primeiro lugar, se ela não padece de uma indolência invencível, como muitas outras, não obstante está longe de ser realmente trabalhadora. Os procedimentos de cultivo são de fato primitivos; cultiva-se apenas os produtos mais comuns: cereais, tabaco, mandioca. É disso que se ocupam os trabalhadores durante uma pequena parte do ano, o que só exige deles um trabalho intermitente, leve, bom para mulheres e crianças mais do que para homens. As pessoas se dedicam à criação de gado, mas utilizam o mais primitivo dos sistemas; os animais, deixados soltos a pastar nos campos naturais ou não cultivados, quase voltaram ao estado selvagem e seus donos não tomam outro cuidado que o de saber onde eles foram parar. Nada mais apropriado para manter o gosto da vida nômade nesse povo semibárbaro. Em segundo lugar, sua previdência não vai muito longe; ele fica satisfeito assim que encontra o estritamente necessário à vida cotidiana; o desejo de riquezas, de bem estar, até do simplesmente confortável – não o aguilha nem o estimula ao trabalho. Entre os raros indivíduos que fazem exceção a essa regra, o espírito empreendedor é pouco progressista, sempre estreito e quase nulo.

### III

**Degenerescência.** Propus-me a verificar se esta população, que sob todos os aspectos não se separa nem se distingue do tipo médio da população mestiça do estado, tinha o vigor, a atividade que podemos esperar de uma população nova, saudável e fortificada pelo cruzamento.

A tendência à degenerescência é, ao contrário, tão acentuada aqui quanto poderia ser num povo decadente e esgotado. A propensão às doenças mentais, às afecções graves do sistema nervoso, à degenerescência física e psíquica é das mais acentuadas.

Como em todas as pequenas localidades nas quais a população se desenvolve gradualmente em torno de um pequeno núcleo de habitantes, os laços de parentesco, mais ou menos estreitos, fazem deles, em Serrinha, especialmente na cidade, uma única grande família.

Na tábua genealógica que vou esboçar, tentei representar a história médica dessa localidade tal como a pude reconstituir com os dados de minhas observações diretas e com as informações que recolhi cuidadosamente sobre pessoas ainda vivas. Ela compreende perto de seis gerações e demonstra, com uma eloquência indiscutível, os acúmulos notáveis de tara hereditária degenerativa. Obrigado a omitir todos os esclarecimentos que pudessem tornar reconhecíveis as pessoas, observarei apenas que nessa tábua só se encontram os indivíduos que foram atingidos por formas degenerativas tão evidentes que elas são, reconhecíveis até pelo vulgo. Não incluo os casos nos quais a degenerescência não se revestiu de formas mórbidas suscetíveis de serem reconhecidas pelos leigos e de serem

**Observação V.** N.O., 32 anos, mestiça quase branca, bem situada, mas se ocupa com trabalhos domésticos fatigantes; cinco filhos. Antes de casar teve um acesso de depressão melancólica acompanhado de fenômenos neurastênicos que permanecem há um ano. Volta das tendências melancólicas depois de seu último parto; tristeza, vontade de chorar, repugnância pelo trabalho, insônia, sensação de cabeça estalando, impossibilidade de fixar a atenção, dores cefálicas. Tem um pai degenerado, alcoólatra. Há tudo para crer numa forte tara hereditária.

A *histeria*, tão freqüente na população mestiça do estado, é relativamente rara em Serrinha. Encontramos aí perturbações e crises histeriformes freqüentes entre os neurastênicos, mas quase não há a histeria convulsiva comum, doença das mais freqüentes na Bahia entre os mestiços e os brancos. Mencionarei apenas alguns casos de *histeria major*.

**Observação VI.** Arm..., 28 anos, mestiça de índio apresentando sinais bem marcantes da raça vermelha, verdadeiro tipo indígena. Mulher estéril, casada duas vezes. Bem situada, quase sem ocupação. Desde sua mais tenra infância teve acidentes histéricos graves, e mais tarde numerosos acessos de grande histeria que por vezes lhe causam contraturas rebeldes, às vezes estados delirantes prolongados; mesmo em estado de vigília, ela é constantemente atormentada por ilusões sensoriais e alucinações visuais e auditivas; manifestações dermatópáticas notáveis. Forte tara hereditária.

**Observação VII.** A..., mestiça parda, quase branca; bem situada, sem ocupação. Casada duas vezes. Fortemente histérica, foi tratada várias vezes na nossa cidade. Tara hereditária.

**Observação VIII.** J..., 40 anos, mulata clara, considerada cega há muito tempo. Simples blefarospasmo muscular bilateral, não doloroso. Abertas as pálpebras com a ajuda dos dedos, a doente pode ver perfeitamente. Estigmas histéricos, anestesia, ovário etc. Mãe de uma jovem que não pude ver e que tem acessos de histeria convulsiva, comum, ou pequena histeria.

A *epilepsia* é também muito freqüente; tenho anotações sobre seis casos que observei em pardos, mulatos claros e escuros, negros e brancos.

A degenerescência física e mental é excessivamente freqüente. Desde verdadeiras monstruosidades até simples estigmas de degenerescência, tais como lábio leporino, palato fendido, surdo-mudez, associam-se a numerosas manifestações de degenerescência inferior.

As anomalias e as monstruosidades sobre as quais conservei anotações compreendem tipos diferentes, alguns muito curiosos por sua associação a manifestações muito complexas de degenerescência. Diferentes casos de não-viabilidade de recém-nascidos devida a essa causa chegaram ao meu conhecimento e pude recolher alguns esclarecimentos a esse respeito.

**Observação IX.** Recentemente atendi uma senhora de Serrinha, atingida por um violento acesso de melancolia que sofreu após ter dado à luz um monstro com hipertrofia cartilaginosa do tecido ósseo, biabdominal, com encurtamento dos membros superiores encaixados no tórax. Natimorto.

falamos. Depois do parto, novo acesso de melancolia gemedora com sitiofobia opiniática que nos obrigou a recorrer, durante vários dias, à sonda alimentar, fazendo cateterismo do esôfago pelas fossas nasais. A doença persiste; a família se recusou a internar a doente.

**Observação XIX.** A.J..., mulata escura, 55 anos, teve onze filhos, seis dos quais estão vivos. Delírio de alucinação alcoólica há longos anos com alternâncias de melhora e de agravamento. Mãe alienada.

**Observação XX.** Joanna, jovem de 16 anos, mestiça de sangue indígena bem marcada pelos caracteres da raça vermelha. Tara hereditária pesada. Mal desenvolvida fisicamente; já teve duas ou três vezes delírios polimorfos, mais ou menos longos. Néscia. Quando a vi, estava atacada por um delírio agitado, mas incoerente.

**Observação XXI.** Valeriano Baptista, 40 anos, mulato baixo e musculoso. Casado, 14 filhos. Antecedentes hereditários desconhecidos. Trabalha no campo. Delírio de perseguição com alucinações múltiplas, sobretudo auditivas. Sem ser alcoólatra, com frequência não está sóbrio. Alienado há cerca de seis anos, a doença apresenta períodos de calma que lhe permitem voltar ao seio da família e retomar seus trabalhos habituais.

**Observação XXII.** Antonio Oliveira, 55 anos, mulato alto, magro, mas bem constituído e ainda vigoroso. Falta de sobriedade. Casado com uma mulata já velha; tem vários filhos que atingiram a idade adulta, alguns dos quais são casados. Antecedentes hereditários desconhecidos. Delírio de perseguição sob a forma de um violento delírio de ciúmes; vê em toda parte amantes de sua mulher, a quem acusa de infidelidade com a cumplicidade de seus próprios filhos. Toma mil precauções ridículas para surpreendê-la; frequentemente a maltrata e a ameaça de morte. Por causa de suas perseguições, fui chamado a examiná-lo a pedido das autoridades.

**Observação XXIII.** F..., 30 anos, mulato claro, alto, vigoroso, bem constituído. Antecedentes hereditários desconhecidos. Atingido pela loucura há cerca de cinco anos, numa época em que não morava em Serrinha. Parece ter tido um ataque de melancolia; atualmente delirante polimorfo; delírio hipocondríaco, de perseguição, religioso, político, de grandeza etc. Tendência pronunciada à demência.

**Observação XXIV.** A..., mulato, 28 anos, antecedentes desconhecidos. Hipocondríaco, concepções delirantes provenientes de uma nevrose do estômago. Pouco tempo depois de minha partida de Serrinha, o reví no asilo desta cidade; ele pedia que lhe abrissem o ventre para retirar os animais que o carcomiam.

**Observação XXV.** M..., negra, 30 anos; histeria, delírio de possessão demoníaca há meses. Antecedentes: descobri que ela descendia de pais africanos filiados à seita iorubá, estando conseqüentemente exposta aos êxtases e aos fenômenos de sonambulismo.

determinantes das psicoses são em realidade os primeiros sintomas de um estado neuropático”.

Nossas conclusões serão as mesmas no que tange às localizações nervosas da sífilis, cuja freqüência pode denunciar apenas uma degenerescência latente.

Mas é sobretudo a consangüinidade que vemos geralmente como causa eficiente dessas manifestações, essa sendo a opinião corrente na localidade, o que contém certamente uma grande parte de verdade. Os belos estudos sobre a consangüinidade, no topo dos quais, como estudo de conjunto, quero colocar o importante artigo de meu eminente mestre e amigo, o professor Lacassagne,<sup>15</sup> deixaram fora de dúvida a sua impossibilidade de causar sozinha a degenerescência, não obstante ser uma causa de seu agravamento. Ora, não podemos negar que nossa tábua genealógica principal demonstra com eloqüência a grande influência da hereditariedade consangüínea sobre a degenerescência da população de Serrinha, mas é impossível atribuir-lhe uma ação maior.

Como fica evidente nesse estudo, não apenas existem em Serrinha várias famílias degeneradas sem laços de parentesco entre elas, como vemos ainda a hereditariedade atravessar facilmente as barreiras do parentesco consangüíneo.

É realmente curioso ver na grande árvore genealógica o mesmo indivíduo, casado sucessivamente com duas mulheres estranhas à sua família, transmitir a tara hereditária aos filhos nascidos dessas duas uniões. A observação XII nos mostra o marido infectado, verdadeiro louco moral, que transmite aos filhos legítimos que ele teve com uma prima a mesma manifestação de degeneração que transmitiu a uma filha adúltera, nascida de uma negra.

As causas reais das manifestações mórbidas ou de degenerescência estudadas na população de Serrinha devem ser mais longínquas e mais poderosas, e essas causas não são outras senão as más condições nas quais se efetivaram os cruzamentos raciais dos quais saiu a população da localidade analisada.

O cruzamento de raças tão diferentes antropológicamente, como são as raças branca, negra e vermelha, resultou num produto desequilibrado e de frágil resistência física e moral, não podendo se adaptar ao clima do Brasil nem às condições da luta social das raças superiores.

A degenerescência das populações mestiças se constitui, sem dúvida, num fenômeno muito complexo que não podemos reduzir a manifestações mórbidas fatais ou irremissíveis. Proteiforme, ela pode bem tomar formas que vão desde brilhantes manifestações de inteligência – como entre os degenerados superiores, passando por uma média de capacidade social de tipo inferior, mal tocada por tendências degenerativas, que tomarão corpo mais e mais nas gerações futuras –, até as manifestações estridentes da degenerescência-enfermidade, nas quais os estigmas se impõem pelo franco desequilíbrio mental ou sob a forma impressionante de monstruosidades físicas repugnantes.

Temos de convir, no entanto, que a degenerescência-enfermidade é aqui a conseqüência de uma fragilidade congênita, do germe de um desequilíbrio diatético que trabalha para a extinção da raça sem ser incompatível com a existência de uma saúde vigorosa dos

---

<sup>15</sup> Verbetes ‘consanguinité’, *Dict. encycl. des sciences médicales*, de Dechambre.

Rio de Janeiro; o terceiro foi um eminente jurista. São eles em geral citados entre nós como sendo a negação mais formal da degenerescência dos mestiços. Mas esquece-se facilmente, ou finge-se ignorar, que o médico foi atingido pela loucura, e dela morreu, e que o engenheiro recentemente pôs fim a sua vida, recorrendo ao suicídio. Silva, também professor na Faculdade da Bahia, é outro mestiço notável pelo talento, apresentado como prova do valor da mestiçagem. Ora, todos sabem que Silva morreu de uma mielite, e sua degenerescência genésica que fazia dele um homossexual ativo é notória. O eminente Barreto, um de nossos mestiços de maior valor intelectual, levou sempre uma vida desregrada e morreu em consequência dela. Um de seus críticos (Araripe), antigo condiscípulo dele, observa, falando de seu lirismo como poeta, que ele se ressentia da incurável lubricidade da raça negra, à qual pertencia. Outros mestiços se mostraram superiores em nosso país; talvez fosse fácil demonstrar sua degenerescência ou a existência de taras em suas famílias.

É que as características físicas e morais das duas raças não se fundem nos mestiços de modo a resultar sempre num produto médio. Muitos exemplos, que não vale a pena lembrar aqui, demonstram que as qualidades físicas e morais podem se transmitir formando combinações muito variadas. Um mestiço pode herdar a inteligência da raça superior e outras características da raça inferior, como é o caso do engenheiro Lislet Geoffroy, correspondente do Instituto Francês,<sup>16</sup> inversamente, ou ainda em caso de fusão proporcional, certas qualidades das tendências, dos instintos ou dos sentimentos das raças puras podem predominar. Esta desigualdade, entre os mestiços, da influência das duas raças que se cruzam é um fato sancionado pela prática mais distanciada da especulação científica.

Nossos antropólogos já observaram que os mestiços brasileiros não são igualmente dotados de boas qualidades.

Couto de Magalhães afirma que o melhor mestiço (de branco com índio) é aquele que resulta do tronco branco com no máximo um quinto de sangue indígena. Ladislau Netto observou em famílias mulatas que os filhos nos quais se acentuam as características da raça negra é que são por vezes os mais inteligentes.

Nesses casos, os mestiços são mais ou menos retornados ao equilíbrio de uma das raças puras, e se distanciam dos tipos rigorosamente médios nos quais parece revelar-se em toda sua plenitude, em toda sua brutalidade, o conflito que irrompeu entre qualidades psíquicas e condições físicas e fisiológicas muito desiguais de duas raças profundamente diferentes, características que a hereditariedade fundiu numa combinação, num amálgama defeituoso, no produto resultante da união, do cruzamento, das duas raças.

Ora, se é do antagonismo e da diferença entre as características antropológicas ou étnicas das raças que se cruzam que devem vir todos os defeitos dos produtos mestiços, como consequência de anulações ou combinações que podem ser feitas entre elas, é claro que não podemos julgar a mestiçagem em bloco, como fez Mme. Clémence Royer, mas que é preciso, ao contrário, distinguir entre o cruzamento das raças próximas e pouco diferentes e aquele de raças antropológicamente muito distintas. Atualmente, todos os fatos confirmam inteiramente a seguinte opinião de Spencer, dada há um bom quarto de século: "Podemos

---

<sup>16</sup> In Quatrefages, *L'unité de l'espèce humaine*, Paris, 1861.

chocante. Pois bem, o elemento branco que se mistura não deixa de se extinguir, não cria uma causa menor de degenerescência. Conheço inúmeros casos nos quais os mestiços, ainda que de segundo ou de terceiro sangue, tendo recebido uma dose nova de sangue branco, continuam a degenerar ao invés de regenerar. Os casos seguintes esclarecerão esse aspecto.

**Observação XXVII.** Português casado com uma mulata clara; seis filhos, muito claros. O mais velho, impetuoso, violento, nervoso; o segundo, neurastênico hereditário desde muitos anos; uma menina atingida pela pequena histeria; uma segunda degenerada: assimetria facial, histeroepilepsia; outra com boa saúde, mas com tendência a engordar; enfim, uma última, ainda pequena, tem boa saúde até agora.

**Observação XXVIII.** Português casado com uma mestiça de branco e indígena. Seis filhos. O mais velho tem um temperamento nervoso; o segundo, degenerado, perturbado, tuberculoso; uma menina com histeria e tuberculose pulmonar; outra menina, mística, pretende-se poeta; uma menina completamente degenerada, doenças com tiques, com acessos histérico-epiléticos. Por último, um adolescente que até agora apresenta um estado normal.

**Observação XXIX.** Italiano, casado com uma senhora mestiça quase branca, cinco filhos. O mais velho é idiota, epilético; a segunda, muito bonita, histérica, com muitas fobias. Duas crianças pequenas com uma assimetria facial notável; outro, taciturno.

**Observação XXX.** Alemão casado com uma mulata escura, cinco filhos. Um, taciturno, concentrado, dissimulado; outro, alienado, esteve internado na Alemanha e no nosso asilo; um que parece normal e duas meninas nas mesmas condições.

Não pretendo discutir a não – adaptação da raça branca aos climas tórridos nem a dos negros aos climas frios. Permitam-me, no entanto, lembrar que os holandeses, que ocuparam o norte do Brasil durante quase trinta anos, não deixaram outros vestígios de sua linhagem que não alguns nomes de família, ao passo que as colônias alemãs do extremo sul, nas quais os negros decrescem numericamente, estão em plena prosperidade. Quatrefages,<sup>20</sup> monogenista notável e partidário decidido da unidade da espécie humana, pode escrever: “É verdade que o europeu branco transportado abaixo da linha [do Equador] ou às regiões intertropicais definha e perece freqüentemente sem deixar posteridade, ou essa se extingue ao fim de um pequeno número de gerações. É verdade que o negro africano emigrado para a Europa freqüentemente morre de tísica. É também verdade que na nossa colônia da Argélia a mortalidade dos adultos, e sobretudo a das crianças, é bastante superior à que observamos na mãe pátria. Mas de que perspectiva podem essas verdades ser invocadas a favor do poligenismo? A raça, como vimos, é antes de tudo um produto do meio. Formada sob o império de certas condições de existência e encontrando-se bruscamente sob novas

---

<sup>20</sup> Quatrefages, *L'unité de l'espèce humaine*, Paris, 1861, p.368.



são, de modo nenhum, em geral, degenerados físicos; se às vezes eles parecem ricamente dotados, tanto do ponto de vista da energia vital quanto do da inteligência, podemos dizer que entre eles a inteligência parece mesmo tanto mais ativa e mais potente porque ela não é nunca perturbada pela consciência”.

Se a violência, e até a impulsividade inata das raças inferiores, deve exercer uma influência decisiva sobre a qualidade dos crimes, pode bem não ter nenhuma influência sobre sua quantidade.

Spencer observou que existem muitos selvagens, sobretudo os da América, dotados de uma apatia extrema; ele busca explicar esse fato por uma predisposição constitucional orgânica. “Pode ser”, diz ele,<sup>22</sup> “se as raças americanas não se mostram dispostas a agir depois do primeiro impulso, que esse defeito provenha de uma inércia constitucional.” E no entanto esta apatia não exclui entre eles as explosões de um furor violento provocadas às vezes por causas da menor importância.

Pois bem, em Serrinha a criminalidade é muito baixa: estamos longe de poder dizer o mesmo da população mestiça do país. A falta de estatísticas não nos permite fazer um estudo comparativo da criminalidade baiana. Neste país, os ensaios de estatística feitos até hoje nos autorizam apenas a confirmar, de maneira geral, as conclusões às quais chegaram em seus estudos, em grande parte sem estatísticas rigorosas, de Flaix,<sup>23</sup> para os Estados Unidos; Kocher,<sup>24</sup> para a Argélia; Bertholon,<sup>25</sup> para os muçulmanos da Tunísia; de Lorion,<sup>26</sup> para a Conchincina; Gentini,<sup>27</sup> para o México; Corre,<sup>28</sup> para as colônias francesas, isto é, que o tipo violento predomina na criminalidade da população de cor.

É o que podemos concluir, no que diz respeito ao Brasil, das estatísticas limitadas ou muito incompletas de Clovis Bevilaqua,<sup>29</sup> para o Ceará; de Candido Mota,<sup>30</sup> para São Paulo; de Saraiva,<sup>31</sup> para Minas Gerais.

Mas do fato de que em Serrinha a criminalidade seja baixa, não se pode concluir que a degenerescência, tão nitidamente existente nesse local com seus traços mórbidos, não exerça uma influência muito forte nas manifestações criminosas.

Para convencer-se de que a criminalidade é também aí uma simples manifestação da degenerescência produzida pela mestiçagem, é suficiente ler a história das duas famílias das quais se vai falar, nas quais vemos a criminalidade associar-se franca e intimamente com as

---

<sup>22</sup> Spencer, *Principes de sociologie*, trad. por E. Cazelles. Paris, 1886, p.83.

<sup>23</sup> Fournier de Flaix, *La criminalité aus États-Unies*, *Revue Scientifique*, 1893.

<sup>24</sup> Kocher, *La criminalité chez les arabes en Algérie*, Paris, 1884.

<sup>25</sup> Bertholon, *Esquisse de l'anthropologie criminelle des tunisiens musulmans*, *Archives d'Anthropologie Criminelle*, 1889.

<sup>26</sup> Lorion, *Criminalité et médecine judiciaire em Cochinchine*, *Archives d'Anthropologie Criminelle*, 1887.

<sup>27</sup> Gentini, *La criminalité nel Messico*, *Archivio di Psichiatria, Scienze Penali ed Anthropologia Criminale*, v.IX.

<sup>28</sup> Corre, *Etnographie criminelle*, Paris, e *Le crime en pays créoles*, Paris.

<sup>29</sup> Bevilaqua, *Criminologia e direito*, Bahia, 1896.

<sup>30</sup> Candido Mota, *Relatório*, São Paulo, 1894.

<sup>31</sup> Saraiva Salvinho, *Relatório*, Minas Gerais, 1894.

de toda sorte, jogo, embriaguez, vive constantemente em castigo. O administrador afirma que não sabe mais o que há de fazer dele.

[Resolvi-me a completar o estudo deste criminoso.]

É um *pardo* em que os caracteres do mulato e do *mameluco*<sup>34</sup> estão bem combinados. Ainda completamente imberbe; apenas ligeiro buço. Não apresenta deformação ou estigma físico, não é canhoto, nem ambidestro. As medidas cefálicas tomadas dão os seguintes resultados:

Diâmetro anteroposterio máximo.....	180 mm
Diâmetro transverso máximo.....	155mm
Diâmetro frontal mínimo.....	110mm
Diâmetro frontal máximo.....	150mm
Altura nasal.....	52 mm
Largura nasal.....	42 mm

donde calculamos índice cefálico hiperbraquicéfalo de 86,11 e índice nasal de 80,75 [80,76].

A fisionomia do criminoso é sem expressão, tem aparentemente um ar de submissão que parece convencional; de fato é ele impassível referindo o crime em todas as suas minudências como se se tratasse da coisa mais natural do mundo. [Todavia nem faz garbo do crime, nem revela logo à primeira vista o cinismo do menor que fará objeto da observação seguinte.] Por que parte entram nessa conduta a perversidade congênita e o lapidamento da prisão, é o que não posso dizer. [Embora com dificuldade, consegui hipnotizar o criminoso e desde então] procurei indagar que influência podiam ter exercido no seu espírito a suposta ordem do inimigo do pai e a do companheiro a quem imputa a sugestão do roubo. [Hipnotizado, revelou o criminoso] \*Assim, tentei hipnotizá-lo, mas o criminoso logo confessou\* que tal ordem nunca havia existido e que o verdadeiro móvel do crime havia sido a circunstância de ter ele, na ausência do pai, cortado um pé de mandioca e prometido um tio que assim que o pai chegasse lhe havia de comunicar o fato para que ele castigasse o filho. Foi, pois, para evitar o castigo que este cometeu o parricídio.

Daí em diante [mesmo em vigília] o menor passou a contar-me o fato por este modo, confessando que tinha sido falsa a invenção de um mandante. [Também por este meio consegui] \*Obtive igualmente\* a confissão completa dos seus hábitos pederastas que até então ele teimava em negar.

Nada indica que este rapaz tenha sido vítima de sugestões estranhas na prática dos seus crimes. [Continuo a estudá-lo, mas não é de difícil hipnotização<sup>35</sup>] \*Ele é difícil de hipnotizar\* e opõe \*rudes\* obstáculos às sugestões, aparentando aceitá-las, mas sendo realmente muito dissimulado.

Trata-se neste caso de um criminoso nato, ou de criminoso de hábito aperfeiçoado pelo meio? Esta última classificação tem em seu favor a falta dos grandes estigmas físicos do criminoso nato. Mas a [precocidade] \*perversidade\* desse criminoso, a natureza do seu crime, em que se revela uma ausência completa do sentimento de piedade, ou pelo menos

<sup>34</sup> \*Produto de branco e índio\*.

<sup>35</sup> Nota de tradução: de acordo com a frase seguinte, talvez o 'não' tenha sido incluído por erro de composição na edição brasileira.

O criminoso, evidentemente excitado, mas sem aparência de uma embriaguez bem caracterizada, ficou passeando em frente ao quartel, sempre com a arma na mão, ameaçando todo mundo aos gritos; provocante, desafiava a todos e a cada um a vir prendê-lo, apontando a arma para aqueles que o olhavam. Num piscar de olhos, todas as portas da pequena cidade se fecharam e o lugar no qual os crimes foram cometidos ficou deserto.

Testemunha ocular desse fato, acompanhei todas as peripécias da janela de uma casa na qual morava, situada em frente. Durante mais de uma hora, vi Lino, sempre num estado de extrema agitação, passeando de um lado para outro no lugar, apontar a espingarda na direção das casas vizinhas, ir até aquela na qual o oficial encontrara abrigo, tentar forçar a porta a coronhadas, continuando a falar em altos brados e a ameaçar todo mundo. Por fim, e sob ordens da autoridade, um soldado fez fogo sobre ele e o deixou estendido.

Fui vê-lo imediatamente. Encontrei-o expirando, a boca cheia de uma espuma sangrenta, a fronte coberta por um suor abundante. Fiz sua autópsia e escrevi meu relatório, do qual apresento aqui alguns trechos:

Lino não apresenta nenhuma anomalia importante. É um mulato escuro de cabelos crespos, quase imberbe, com apenas alguns fios de bigode. Tomei suas medidas que deram os seguintes resultados:

Altura.....	1,70m
Envergadura.....	1,75m
Circunferência torácica.....	0,86m

A cabeça era bem conformada, o crânio não apresentava nenhuma anomalia.

A calota craniana se encontra no laboratório de medicina legal de nossa Faculdade.

Medidas craniométricas:

Diâmetro anteroposterior.....	180mm
Diâmetro transversal.....	166mm
Circunferência horizontal total.....	520mm
Circunferência transversal.....	310mm
Circunferência anteroposterior.....	270mm
Arco frontal.....	120mm
Arco parietal.....	110mm
Arco occipital.....	090mm

donde calculamos índice cefálico ultrabraquicéfalo de 90,22.

O rosto, sem assimetrias, mede:

Do queixo à linha dos cabelos.....	180mm
Diâmetro bizigomático.....	125mm
Altura nasal.....	040mm
Largura nasal.....	043mm

donde índice nasal de 107,40.

## Linha colateral cujos antecedentes são desconhecidos

Clemente, mestiço quase negro. Briguento, tentou assassinar seu patrão, que acusa de ter atentado contra a honra de sua filha e que recusava-se a pagar indenização. Tio de C. e D. por aliança, é, portanto irmão do bisavô/bisavó de Lino. <sup>37</sup>	X., mulher de Clemente
Muitos filhos,	um negro e alcoólatra contumaz Muitos filhos, um assassino (Obs. XXXV)

A história dos membros anormais dessa família, ainda que resumida, tem grande valor, já que facilita extremamente a compreensão exata da impulsividade dos mestiços.

**Observação XXXIII.** O mestiço C..., irmão do assassino Manoel Felipe, é um homem de cerca de cinquenta anos, escuro, com características bem nítidas de negro e indígena. É um vaqueiro, considerado pelas pessoas da vizinhança um homem sério. Extremamente colérico, não pode tocar em bebidas alcoólicas sem se tornar provocativo, briguento e sempre acaba por chegar à violência e até ao crime. Ele me disse que evita as discussões e tem tanto medo de não poder se controlar, que, quando é insultado, foge dos lugares onde se encontra.

**Observação XXXIV.** Manoel-Felipe, irmão do anterior, mestiço escuro, mostrando igualmente as características do negro e do indígena bem acentuadas (ver a fotografia 2, tirada na penitenciária).

No dia 9 de dezembro de 1888, às sete horas da noite, Manoel assassinou a jovem Isabelle, a quem queria simplesmente castigar.

Encontrando Isabelle na porta da cabana em que moravam, começou a discutir com ela, cobriu-a de golpes de faca e quando abandonou sua vítima ela não era mais que um cadáver coberto de feridas. O assassino estava sob o jugo de um forte acesso de violência.

Ele tentou fazer com que os vizinhos acreditassem que a jovem infeliz tinha caído vítima de um ataque; preso, ainda procurou resistir.

Felipe é magro e alto, mede um metro e 72 de altura e um metro e 76 de envergadura. É ainda vigoroso, apesar de ter cerca de sessenta anos, e não apresenta anomalias nem estigmas dignos de chamar a atenção. Alegre, ele conversa e brinca por iniciativa própria e ri de si mesmo. Sua conduta na cadeia, onde está desde 1889, é exemplar: é um prisioneiro moderado, obediente, trabalhador.

Quando o interrogio sobre as causas de seu crime, ele me responde que não estava bêbado e que não sabe como pôde fazer tal coisa. O ciúme tinha se apoderado dele há algum tempo; ele queria castigar a vítima, com quem vivia maritalmente, e que o enganava:

<sup>37</sup> Nota de tradução: se Clemente era tio por aliança de C. e D., teria sido casado com uma irmã do pai ou da mãe deles e, portanto, não era irmão do bisavô ou bisavó de Lino, mas sim seu cunhado. Ver, no final, as genealogias recompostas a partir da descrição de Nina Rodrigues, onde esta entra como a de número 4.

**Observação XXXVI.** Francisco V..., negro, 45 anos, assassinou duas mulheres, na estrada, a golpes de foice, durante a jornada de trabalho do dia primeiro de outubro de 1889.

Uma delas, sua antiga concubina, que o tinha abandonado porque ele era preguiçoso e violento, era incessantemente perseguida e ameaçada por ele.

Na penitenciária, V... nos relatou o crime da seguinte maneira:

Embora separado de sua amante, ele decidiu um dia de manhã ir até sua casa buscar uma foice que tinha deixado lá. Não encontrando ninguém na casa, viu uma garrafa que conhecia bem e bebeu um pouco de cachaça. Sentiu-se fora de si, excitado, exaltado, não podendo se dar conta do que fazia. Foi nesse estado que saiu, tomou a estrada, e a uma certa distância encontrou as duas mulheres que seriam suas vítimas; ele se joga sobre elas, corta a cabeça da primeira, abate a segunda, que tentava fugir, e corre atrás de um jovem que as acompanhava.

Mais adiante, ele encontra uma criança que não conhecia, persegue-a inutilmente e, tendo perdido a noção exata das coisas, vai em direção à cidade de Nazaré, e ao acordar encontra-se no hospital. Ao chegar na cidade, o criminoso entra numa *venda*, compra e toma um pouco de bicloruto de mercúrio e vai se entregar à autoridade judicial, confessando seu crime. Ele acrescenta que está envenenado; começa a vomitar; é então que o levam ao hospital no qual dá entrada como emergência.

Nos exames que fiz nesse indivíduo, estive principalmente preocupado com as modificações pelas quais a memória passou ou podia ter passado.

V... se lembra perfeitamente de ter atacado as duas mulheres e conserva, ainda que de maneira confusa, a lembrança de sua posição e do lugar onde elas caíram; ele lembra em parte da fuga, da perseguição da criança, mas sua memória não conserva traço do que se passou a partir de sua entrada na cidade, e o que ele sabe, ouviu dos soldados ou de outros detentos. Tem, no entanto, algumas lembranças e parece que com algumas informações sua memória revive, ao menos no que diz respeito a alguns pontos. Ele acredita em seu envenenamento, mas o atribui à bebida alcoólica que tinha tomado.

Como podemos ver ao examinar a Figura 3, V... é um negro muito preto com um leve grau de assimetria frontal; suas orelhas são muito deformadas. Ele é canhoto e tem uma certa fraqueza no membro inferior direito. Os membros superior e inferior do lado esquerdo são maiores do que os do lado direito. Ele conta que na adolescência contraiu uma moléstia na floresta que começou com uma completa perda de sentidos. Mas este é um ponto que não pude elucidar e não sei a verdade a este respeito.

Ao chegar à penitenciária, ele mostrou uma perda absoluta da memória e se queixava de fraqueza; tais incidentes desapareceram.

Ele está detido na penitenciária da Bahia há oito anos, sua conduta é excelente e ele aprendeu o ofício de charuteiro. Nunca teve ataques de qualquer tipo e ninguém observou que tenha tido ausências; sua humildade beira o servilismo: poder-se-ia falar de uma verdadeira apatia. Esse servilismo deve ser considerado elemento do caráter epiléptico, se lembrarmos que antes do crime ele era visto como violento e preguiçoso.

Assim, nesse indivíduo degenerado e impulsivo, as exaltações de uma briga com sua amante, talvez ampliadas pelas decepções causadas pela perda dos bens que ela herdou, e

## Anexos<sup>1</sup>

### Tábua genealógica 1

Esse quadro começa com duas irmãs, sobre as quais não se tem maiores informações, e apresenta a sua descendência. Vou chamá-las de irmã A e irmã B. A irmã A casou-se com um desequilibrado e teve seis filhos: (A1) uma mulher de boa saúde, casada com um mulato escuro, teve cinco filhos, dos quais um violento, impulsivo, e um imbecil; (A2) um homem colérico, inconstante, teve seis filhos, dos quais (2.1) uma, com boa saúde, casou-se com o filho imbecil de (A1) e tiveram três filhos com boa saúde e um que morreu de eclâmpsia; e (2.2) um idiota; (A3) um homem desequilibrado, que teve sete filhos de boa saúde; (A4) um homem desequilibrado, excêntrico, teve sete filhos. Esses sete são: uma mulher que estava bem; um homem que estava bem; um homem violento, colérico, com três filhos; um homem neuropata, que tinha retenção de urina e cinco filhos; um homem desequilibrado, mentiroso e criminoso, que teve cinco filhos com boa saúde; uma mulher colérica, violenta; e um homem degenerado, verdadeiro louco moral, que teve com uma negra uma filha adúltera anã. Este último casou-se com a primeira filha de (A5) e teve cinco filhos, um anão infantil e outro imbecil. O quinto filho da irmã A(5), afetado por *tabes dorsalis*, também teve sete filhos: uma mulher polisarcique; um homem com *tabes dorsalis*; um homem desequilibrado, com quatro filhos; uma mulher neurastênica hereditária; uma mulher de boa saúde, com quatro filhos; uma mulher alienada que morreu no asilo; e um homem alienado, que esteve internado no asilo e hoje se porta bem, com cinco filhos. O sexto filho da irmã A(6), homem com boa saúde, casou-se com a primeira filha da irmã B(1), mulher de boa saúde, e teve um filho homem desequilibrado e pródigo que, por sua vez, teve um filho ilegítimo, dispsomaníaco. O segundo filho da irmã B(2), era um homem de boa saúde, que não teve filhos. O terceiro (B3), era homem de boa saúde, que teve quatro filhos. O quarto (B4) era um homem diabético, que morreu paraplético e teve filhos com duas mulheres: uma mulata que lhe deu três filhos – uma filha com 11 filhos, um homem com quatro filhos, e uma filha com 15 filhos, dois natimortos, com o palato fendido – e uma índia que também lhe deu três filhos. Essa índia tinha uma irmã que teve uma filha imbecil e delirante. Com a índia ele teve um filho homem, imprevidente, com 12 filhos, dos quais uma filha, delirante, que se casou com um primo; um homem com boa saúde, 11 filhos, um degenerado físico; e um homem com poliomielite crônica, que se casou com uma mulher asmática, neurastênica hereditária de tendências melancólicas, estéril. Esta mulher tinha quatro irmãos: um homem com boa saúde; um homem com boa saúde, casado com uma moça muito degenerada; uma mulher casada, estéril; e um homem jovem degenerado, delirante. Os pais desses cinco irmãos eram uma mulher tísica, casada com um homem que morreu alienado e cujo pai também era alienado. Os irmãos da mãe eram uma mulher que morreu alienada; um homem casado, sem filhos, e uma mulher com boa saúde. Esta teve cinco filhos: uma mulher com boa saúde; um homem epilético que morreu afogado; um homem com boa saúde e 14 filhos; um homem com boa saúde, quatro filhos, um deles *lydis-cefalique* e uma mulher degenerada, maníaca.

não menstruada; quase anã; teve convulsões na infância, problemas oculares. (7) Idaline, 18 anos, boa saúde. (8) Firmina, estropiada, morta aos oito anos. (9) Porcina, estropiada, morta aos três anos. (10) Mariana, 14 anos, boa saúde. (11) Adélia, 13 anos, aspecto de uma criança de cinco anos, constituição muito frágil; membros muito longos e finos; grande desvio da coluna vertebral (escoliose) que só lhe permite a posição sentada; membros inferiores magros, coxas arqueadas, sem outro aspecto de deformação devido ao raquitismo; cabeça bem conformada; nunca pôde caminhar nem ficar em pé. A doença teve o mesmo curso entre as outras crianças estropiadas (Obs. XIV). (12) Morta. (13) Theodolina, 11 anos, boa saúde.

### NOTAS DE TRADUÇÃO

<sup>1</sup> As quatro genealogias que acompanham o artigo são um pouco confusas, já que não seguem qualquer notação convencional, sendo semelhantes ao quadro incluído ao final da observação número XXXII. Optei por descrever o conteúdo delas no primeiro quadro, que é o mais complicado de visualizar. Nos outros a tradução é literal. No primeiro, todas as definições dos personagens são de Nina Rodrigues; só estabeleci a relação entre eles. Agradeço a Maria Celina Pereira de Carvalho por ter feito a transposição dessas genealogias para sua forma convencional, incluídas a seguir.

<sup>2</sup> Pode ter sido um erro de composição e tratar-se de Araújo (Obs. XXXI).

<sup>3</sup> No artigo original este quadro era apresentado no lugar das observações XIII e XIV, que não são relatadas.

Tábua genealógica 2

